

## APRESENTAÇÃO

A prática filosófica, escreveu Pierre Hadot, não se esgota numa prática discursiva. Há nela, desde suas origens na matriz grega, também uma dimensão de modo de vida. E mesmo que seus caminhos tenham potencializado a filosofia como discurso, e seus praticantes como *artistas da razão* – notadamente com a filosofia acadêmica e suas linhas de força específicas; não desaparece de seu horizonte uma inspiração, talvez ditirâmbica, de ação no mundo, quiçá mesmo de transformação deste, a começar pela transformação de si próprio.

E se os tensionamentos perseguem a prática filosófica – tanto em sua necessária e árdua tarefa de bem conduzir o exercício da razão quanto de lidar com as desrazões inerentes à vida e à própria possibilidade da filosofia – nesta forja onde se moldam diferentes estilos de ouvir e ver e habitar o mundo, surgem luminescências que alumiam o breu da noite; artesanias que traçam constelações pra orientação de viajantes desavisados; fármacos com todo seu potencial de cura, ou envenenamento.

É num ponto de confluência dessas figurações da filosofia, lugar fronteiro, de lusco-fusco, de turbulências, que lançamos este projeto. A revista de filosofia Lampião se quer um espaço de construção conjunta, onde possamos agregar saberes distintos e nos abrigar um pouco da aridez da vida cotidiana, pelo labor da pesquisa, pela paixão da partilha. Investindo, por certo, no rigor das artes acadêmicas, naquilo que a pesquisa criteriosa nos pode fornecer de alento para seguir estudando, entendemos também este espaço como laboratório.

Neste número de lançamento do projeto, contamos com o apoio de inúmeras pessoas que compraram a ideia de lançarmos um periódico do Programa de pós-graduação em Filosofia da UFAL (PPGFIL-UFAL), um dos mais novos programas de pós-graduação em filosofia do Brasil, fundado em 2018. Gostaríamos de agradecer aqui primeiramente os membros do conselho do PPGFIL-UFAL, muitos dos quais gentilmente aceitaram fazer parte do conselho editorial da revista e que fizeram muitas sugestões importantes para este primeiro número. Também gostaríamos de agradecer a Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFAL, por todo apoio e esclarecimentos. Agradecemos ainda Judivan Lopes, artista plástico e professor do Instituto Federal em Arapiraca, que gentilmente nos cedeu as xilogravuras que acompanham este número, e principalmente as pesquisadoras que prontamente aceitaram o desafio de participar de uma revista sem eira nem beira, ainda

nem bem nascida, com tudo ainda por fazer. Neste sentido, nosso vivo agradecimento a Adriana Barin de Azevedo, Afraa Ismael, Aline Sanches, Eloísa Benvenuti de Andrade, Flora Rocha Cardoso, Giovana Carmo Temple, Isadora Prévise Bernardo, Juliana Oliva, Luiza Helena Hilgert, Mariana de Mattos Rubiano, Najet Limam-Tnani, Tiziana Cocchieri. Também é fundamental salientar e agradecer a esmerada dedicação de Jéssica Baêta de Azevedo Carvalho, que trabalhou incansavelmente no processo de revisão dos textos, bem como Luz Marina Colombo Gewehr, que se dedicou à tradução do texto de Najet, e ainda o auxílio de Amanda Barros Pereira Palmeira com os textos de Afraa e Najet.

Este primeiro número da Revista Lampião conta com uma série de artigos que vão do pensamento contemporâneo à filosofia antiga, entrelaçando análises técnicas de problemas filosóficos específicos à filosofia como ação no mundo, cumprindo assim sua vocação de fronteira.

Os textos de Afraa Ismael e Najet Limam-Tnani abordam, ambos, as revoluções da chamada “primavera árabe”, e sobretudo o protagonismo das mulheres naquele ambiente de tensão e transformações sociais. Cada qual analisando o cenário em seu próprio país, respectivamente Síria e Tunísia, apontam as dificuldades relacionadas à lógica patriarcal e confessional que permeia a tessitura social de seus países, os diferentes esforços que foram necessários para fazer frente a isso, bem como as distintas resultantes desta luta, ainda em curso. A complexidade do problema investigado pelas autoras é salientada, se compararmos ambos os textos, pela similaridade das variáveis em ação, bem como pelas conclusões quase opostas a que chegam, uma e outra. Ambas convocam a noção de *inverno* para pensar nas resultantes da primavera árabe, mas o inverno se desloca numa e noutra análise. Se ambos os textos abordam questões específicas de seus países, os problemas apontados permanecem atuais e, em grande medida, *universais*.

Com efeito, Afraa Ismael, no texto *Foi a primavera árabe uma verdadeira primavera para as mulheres na Síria?*, falando a partir de um território ainda conflagrado, salienta a dificuldade em se romper com as amarras de uma sociedade marcadamente patriarcal, na qual a *primavera árabe* deu lugar a uma guerra que acentuou os traços de uma violência já ancestral. A autora analisa este problema a partir de três fatos da vida social: o estupro, o casamento forçado de meninas menores de idade e a poligamia. Já o texto de Najet Limam-Tnani, *Qual revolução para as mulheres tunisianas: primavera feminista ou inverno islamista?*, sem descuidar da misoginia que perpassa as revoluções, bem como do cenário confessional que provocava tensões em seu país quando da primavera árabe, mostra o protagonismo político das mulheres, que se organizaram em associações e empreenderam uma luta continuada para fazer frente ao islamismo então

em ascensão. Ainda que enfrentando inúmeras dificuldades, especialmente no que diz respeito ao enfrentamento da contradição entre uma lei laica aplicada por mentalidades confessionais, a autora salienta a ação decisiva das mulheres na modernização do país. Os dois textos estão apresentados em suas versões brasileiras no início da revista, e em suas versões originais, francesas, no apêndice.

Em *O arcaico do contemporâneo: Medusa e o Mito da mulher*, Luiza Helena Hilgert propõe uma intensa releitura do mito da Medusa sob um ponto de vista feminista, usando como instrumento de análise a filosofia de Simone de Beauvoir. Neste texto, Luiza Helena Hilgert nos desafia a pensar que as diversas representações que a Medusa assumiu ao longo da história não foram senão variações de uma mesma cultura hegemônica, ancorada num ponto de vista exclusivamente masculino. Para romper com esta cultura de subordinação, a autora convida, no fim do artigo, as mulheres a criarem novos mitos, que expressem sua condição, assim como sua liberdade constituinte.

A presença de Simone de Beauvoir continua no próximo artigo, intitulado *Existência e infância por uma ordem diferente da que impõe a vida: uma interpretação filosófica beauvoiriana de “O casamento” de Silvina Ocampo*, de Juliana Oliva. Neste artigo, Juliana Oliva faz primeiramente uma apresentação da obra da escritora Silvina Ocampo (1903-1993), considerada atualmente uma autora muito importante para a literatura argentina do século XX. Aos poucos, encaminha-se para uma análise mais pormenorizada – e muito instigante – do conto “O casamento”, presente no livro “A fúria e outros contos”, de 1959. É com o intuito de fazer a análise desse conto que Juliana Oliva mobiliza a filosofia de Simone de Beauvoir, apresentando a rica discussão desta filósofa sobre a literatura.

A tradição metafísica nos legou a ideia de uma hierarquia da escala dos seres e de um princípio da realidade pensado no mais das vezes como transcendente. Como subverter essa representação do real? Esse é o *leitmotiv* do belo artigo *Pensar a vida a partir de uma perspectiva imanente*, de Adriana Barin de Azevedo e Aline Sanches. Nele, as autoras partem do pensamento de Baruch de Espinosa, tentando mostrar como a ideia de uma causalidade imanente em Espinosa subverte completamente algumas das representações mais caras à tradição metafísica, apontando caminhos para uma perspectiva ética completamente imanente, baseada na potência do corpo e nos bons e maus encontros que este efetua. Ademais, as autoras ainda mostram o papel fundamental de Espinosa na obra do filósofo francês Gilles Deleuze.

Uma questão-chave que surge, quando nos dedicamos a pensar a questão de uma vida baseada na imanência, é o do papel do desejo. Este é o objeto do artigo *O desejo no pensamento de Foucault: do indivíduo ao sujeito de uma sexualidade*, de Giovana Carmo

Temple. Neste artigo, Giovana Carmo Temple faz uma rica cartografia do papel do desejo ao longo da obra de Foucault, mostrando como esta noção permeia grande parte do pensamento do filósofo francês, mesmo que seja por vezes num viés crítico (como vemos num famoso testemunho de Deleuze sobre o assunto). Com riqueza de detalhes, a autora trafega de forma desenvolta pelas diferentes etapas da filosofia de Foucault, mostrando a importância de sua reflexão sobre o desejo, seja para a compreensão do poder disciplinar, seja da biopolítica. Por fim, vemos que são as próprias formas de subjetivação – e o consequente surgimento de uma *psique* – que passam pela questão mais geral do desejo.

A questão das relações entre a genealogia da moral nietzschiana e a discussão contemporânea sobre a ética é o objeto do artigo *A crítica moral de Nietzsche: uma pedagogia dos afetos*, de Flora Rocha Cardoso. Retomando a discussão mais contemporânea sobre a ética das virtudes, Flora Rocha Cardoso propõe-se a avaliar a pertinência do projeto nietzschiano para esta discussão, problematizando certos aspectos da filosofia nietzschiana, mas buscando salientar a importância de outros. Em suma, um artigo que não se contenta em pensar um filósofo fundamental, mas coloca a questão de sua pertinência para o mundo atual.

Pensar, por sua vez, a leitura de Hegel por Merleau-Ponty é o objetivo do artigo *Filosofia, Fenomenologia e Existencialismo: Hegel por Merleau-Ponty*, de Eloísa Benvenuti de Andrade. Partindo da fundamental influência dos seminários de Kojève no interior do pensamento filosófico francês, a autora buscará mostrar como a interpretação de Merleau-Ponty da *Fenomenologia do Espírito* e da *Ciência da Lógica* (ambas de Hegel) foi influenciada pela leitura proposta por Kojève.

Em *Catilinarie: discursos que trazem o testemunho dos ataques à República*, Isadora Prévêde Bernardo traz à tona uma série de questões sobre esses quatro famosos discursos de Cícero, fundamentais para a história do ocidente. Em seu artigo, a autora busca descortinar a estrutura interna dos discursos de Cícero, mostrando sua importância no contexto da república romana, mas também apontando para relevantes questões de estilo dos discursos e de sua filiação à tradição retórica latina.

A filosofia política e a importantíssima questão da representação política são, por sua vez, o tema do artigo *Representação e ação no pensamento de Hannah Arendt*, de Mariana de Mattos Rubiano. Analisando uma tradição de comentadores que vê em Arendt uma crítica radical de toda instância representativa, Mariana de Mattos Rubiano busca recuperar um espaço para se pensar o papel das instâncias representativas no interior do pensamento de Arendt. Para tanto, a autora se detém em alguns exemplos do livro *Sobre a revolução*, relativos aos conselhos populares presentes em diversos momentos da história,

desde a independência americana até à revolução russa.

Para finalizar, temos o artigo *O pragmatismo peirceano*, de Tiziana Cocchieri. Neste artigo, Tiziana Cocchieri faz uma elucidativa apresentação de alguns dos principais elementos da filosofia de Charles Sanders Peirce (1839-1914), buscando mostrar como se estrutura o realismo proposto pelo autor, com sua relevante distinção entre a primeiridade, a secundidade e a terceiridade. A autora também busca mostrar algumas das importantes contribuições de Peirce para a estética, a ética e a lógica.

Agradecemos uma vez mais a atenção e o empenho das pesquisadoras, de todas as pessoas que colaboraram com este projeto, e desejamos boas leituras.

os editores



Judivan Lopes, Zig Zig - Jacipiranga/AL - PI 2015

Judivan Lopes. Zig Zig (2010)